

## O 1º Susto do Luizinho em terras de Sanga

Com pouco tempo de estadia em Macaloge, tivemos a primeira de muitas e desagradáveis constatações que a bomba de água, já muito batida e na altura de ser rendida, tinha entrado em estado de repouso e que a sua reactivação não se afigurava nada fácil. Atendendo a que o seu rendimento com alguma saúde, não permitia já, que fosse suficiente para abastecer do precioso líquido o aquartelamento, era normal recorrer-se a um depósito montado no atrelado de um tractor, para recolher a água junto á nossa machamba situada na proximidade do quartel. Porém, desta vez seria necessário efectuar mais viagens que dessem para, além do enchimento dos tanques para os banhos, lavagens de louça e roupa, atender às restantes necessidades.

Numa das saídas da pachorrenta viatura, lá foi a malta da ferrugem, fazendo escolta ao condutor do tractor a caminho do salvador lençol de água. Decorria a operação com habitual normalidade, quando um dos meus homens, todos bons rapazes mas um pouco destravados, se lembrou de alvitrar: “ e se déssemos uns tirinhos para desenferrujar os canos?” – Eu, comecei por dizer que não, que por certo o som se ouviria no quartel; mas a insistência dele e dos outros e a minha vontade de também fazer o gosto ao dedo, tornaram a distância consideravelmente maior, ajudada pelo remanso do transporte e, foi um ver se te avias.

Não tínhamos ainda iniciado à viagem de regresso quando chega junto a nós o piquete, comandado, segundo creio, pelo alf. Rodrigues que sem fazer cara de caso, me diz: Ui Alexandre, você está lixado; o Luizinho ficou cheio de medo pois pensou que seria um ataque, pôs todo o pessoal em alerta, até que lhe disseram que deveriam ser os da ferrugem que foram à água. É melhor arranjar uma boa desculpa, que o homem está em brasa.

No caminho de regresso, fui magicando umas boas razões para justificar o tiroteio. As melhores, seriam sem dúvida, contar que tinham disparado contra nós ou que ouvimos vozes ou vimos vultos ou ainda a aproximação de uma grande fera. Na devida altura alguma seria a escolhida.

Apresentei-me ao cmdt, mas as justificações ficaram entaladas. Ele tinha percebido, um defeito que realmente não tinha era, ser burro e, do alto do seu comando, atirou-me: Você é um inconsciente! Vai levar uns dias de detenção e pagar as balas a 10\$00 cada uma! Não quero mais conversas consigo; se tem algo a explicar, vá ter com o seu capitão.

A coisa estava a ficar negra para o meu lado. O cap. Lobo d'Ávila de quem todos gostávamos, o que parecia despertar inveja no nosso Luizinho, atendeu-me referindo: É pá você ia matando o comandante do coração; não sei como se vai resolver isto! – Logo consigo, que é das poucas pessoas de quem ele gosta, ( eu e o Ribeiro, rádio montador éramos os “meninos queridos dele”), o homem está furioso e magoado.

Após ter explicado ao nosso capitão o que se tinha passado, escolhemos uma das desculpas esfarrapadas. Vingou a da presença de “terroristas” ali bem perto da gente, preparando-se, talvez, para colocar uma mina “anti-tractor de transporte de água” ou fazer uma emboscada aos “aguadeiros”; portanto, não saberíamos como nos atacariam, mas lá que demos pela sua presença, era incontestável.

Ou porque a versão terá sido convincente ou o comandante com a cabeça mais fria, tenha desvalorizado o acontecimento, certo é que durante dias esperei novas notícias do anunciado e severo castigo e elas nunca apareceram.

O nosso comandante e muitos outros, por certo, é que não esqueceram por algum tempo o susto; eu, por outras razões ligadas ao caso, também não!

Já agora que falo da malfadada bomba de água que tanto trabalho nos deu, não quero deixar de contar um episódio com ela relacionado. – Numa das vezes em que a dita cuja, se recusou a cumprir a sua missão, estavam a assistir à ao reanimar da doente, entre vários curiosos, o Comandante e o major Lourenço. A certa altura este último, bonacheirão e com sentido de humor, adianta: - Eu sei como se resolvia de vez este problema! O Luizinho dando a importância que lhe era habitual ao seu Oficial de Operações pergunta: - Então qual é a sua ideia? Resposta do major: Ora arranjávamos uma nora e púnhamos uma das vacas a andar à roda! ( nessa altura perto do parque auto existiam várias, mas por pouco tempo, dado que num dos seus repentes o cmdt as mandou abater todas). À ideia luminosa o Luizinho deu a resposta óbvia, que até poderia ser menos diplomática: Logo vi, vá-se mas é lixar com as suas ideias!

Coitado do nosso major que ansiava pela reforma para se dedicar à agricultura mas nas suas terras, das quais amiúde falava, lá perdeu a hipótese de contemplar ali um quadro bucólico que o transportasse para longe daquela vida que, saltava à vista de todos, não tinha nada a ver com ele.